



ABORDAGEM DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL NOS CURRÍCULOS DE ENFERMAGEM

Resumo: Objetivou-se investigar como o relacionamento interpessoal está sendo trabalhado nos currículos dos cursos de graduação em enfermagem. Pesquisa de caráter descritivo, documental e bibliográfico, na qual se buscou acessar os Projetos Políticos Pedagógicos e programas de disciplinas de universidades do estado do Ceará, Brasil. Coletaram-se os documentos das seis universidades com cursos de graduação em enfermagem, durante o primeiro semestre de 2019. A partir da leitura dos documentos, elaborou-se quadro com os principais critérios que nortearam a análise: disciplinas que abordam o tema e respectivas cargas-horárias; quantidade de conteúdos relacionados nas ementas; semestres a que pertencem; e principais referências bibliográficas utilizadas. A análise dos currículos motivou o entendimento de que a discussão do relacionamento interpessoal do enfermeiro se mostrou praticamente ausente ou de forma incipiente na análise dos currículos.

Descritores: Enfermagem, Relações Interpessoais, Currículo, Papel do Profissional de Enfermagem.

Approach to interpersonal relationships in nursing curricula

Abstract: The objective was to investigate how interpersonal relationships are being worked on in the curricula of undergraduate nursing courses. Descriptive, documentary and bibliographic research, in which we sought to access the Pedagogical Political Projects and disciplines programs from universities in the state of Ceará, Brazil. Documents were collected from the six universities with undergraduate nursing courses, during the period of the first semester of 2019. From the reading of the documents, a table was elaborated with the main criteria that guided the analysis: disciplines that address the theme and respective workloads; number of related contents in the menus; semesters to which they belong; and main bibliographic references used. The analysis of the curricula motivated the understanding that the discussion of the nurse's interpersonal relationship proved to be practically absent or incipient in the analysis of the curricula.

Descriptors: Nursing, Interpersonal Relations, Curriculum, Nurse's Role.

Abordaje de las relaciones interpersonales en los currículos de enfermería

Resumen: El objetivo fue investigar cómo se trabaja en las relaciones interpersonales en los planes de estudio de los cursos de pregrado en enfermería. Investigación descriptiva, documental y bibliográfica, en la que se buscó acceder a los Proyectos Político Pedagógicos y programas de disciplinas de universidades del estado de Ceará, Brasil. Se recolectaron documentos de las seis universidades con cursos de pregrado en enfermería, durante el primer semestre de 2019. A partir de la lectura de los documentos, se elaboró tabla con principales criterios que guiaron el análisis: disciplinas que abordan la temática y respectivas cargas de trabajo; número de contenidos relacionados en los menús; semestres a los que pertenecen; y principales referencias bibliográficas utilizadas. El análisis de los currículos motivó el entendimiento de que la discusión de la relación interpersonal del enfermero resultó prácticamente ausente o incipiente en el análisis de los currículos.

Descriptorios: Enfermería, Relaciones Interpersonales, Curriculum, Rol de la Enfermera.

Camila de Araújo Carrilho

Enfermeira e Psicanalista. Doutoranda em Cuidados Clínicos pela Universidade Estadual do Ceará, CE. Mestre em Cuidados Clínicos em Saúde e Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará.

E-mail: carrilhocamila@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0335-9364>

Magda Fabiana do Amaral Pereira

Lima

Enfermeira. Doutoranda em Cuidados Clínicos pela Universidade Estadual do Ceará, CE. Mestre em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta I do Departamento de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, RN.

E-mail: magdafabiana@uern.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8439-3571>

Lia Carneiro Silveira

Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará, CE.

E-mail: silveiralia@uece.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3425-6525>

Submissão: 16/06/2021

Aprovação: 15/02/2023

Publicação: 18/03/2023



Como citar este artigo:

Carrilho CA, Lima MFAP, Silveira LC. Abordagem do relacionamento interpessoal nos currículos de enfermagem. São Paulo: Rev Recien. 2023; 13(41):261-269. DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2023.13.41.261-269>

Introdução

A noção de relacionamento interpessoal foi uma discussão introduzida na Enfermagem entre as décadas de 1950 e 1960, referenciada nos trabalhos de Hildegard Peplau e Joyce Travelbee, com expressiva repercussão de escritos até os dias atuais. As teorias elaboradas por essas enfermeiras foram voltadas, inicialmente, para o campo da enfermagem psiquiátrica, muito embora a aplicabilidade pôde ser expandida para diversas outras áreas da profissão, com forte presença ao compor a base de referências nos currículos de enfermagem brasileiros¹⁻². Antes da introdução desses referenciais, não se registrava a preocupação na profissão sobre a forma em que se estabelecia a relação com o paciente, em que isto acontecia de forma casual, intuitiva.

A relação interpessoal trata do modo como as pessoas constroem relações umas com as outras, o que implica a compreensão de que toda relação é constituída por propriedades que comportam estrutura e qualidades afetivas³. O manejo da relação e a valorização dos afetos que comparecem nesta ligação pode servir de importante guia para obtenção de fins terapêuticos.

É fato que o princípio fundamental da teoria de Travelbee reverberou nas concepções de cuidados emanantes nas atuais discussões acadêmico-laborais, ao passo que define a finalidade do cuidado profissional no estabelecimento do relacionamento pessoa-a-pessoa. Ou seja, a teórica adelgaça o cuidado como processo interpessoal, no qual a enfermeira ajuda uma pessoa, família ou comunidade, com objetivo de promover a saúde mental⁴.

Já a elaboração da Teoria das Relações Interpessoais de Peplau, produziu um marco ao

confrontar o paradigma do paciente-objeto-do-cuidado, de modo a ser visto como parceiro no processo de enfermagem. O pioneirismo desta foi considerar os significados psicológicos e comportamentais dos pacientes, a fim de serem investigados e incluídos nas intervenções de enfermagem⁵.

A realidade dos encontros possibilitados nos campos de atuação da área, especialmente as experiências envolvendo o sofrimento, o adoecimento, a morte, o corpo tomado por procedimentos invasivos, irrompem com o que pode ser delimitado pelo saber científico. Essas vivências são permeadas por afetos intensos, como angústia, impotência, culpa, que comparecem tanto do lado do paciente como do próprio profissional⁶.

Nesse âmbito, tornam-se crescentes as discussões que relatam acerca do desgaste emocional vivido por enfermeiros, conhecido como *burnout*, especialmente em áreas como oncologia, cuidados paliativos, doenças crônicas e degenerativas⁷. Espaços que são caracterizados por não ser possível operar somente na dimensão da cura, o que exige especialmente a prática do cuidado, visto que o momento de contato entre enfermeiro e paciente, assim como toda relação, há suposição de saber no outro, torna-se campo propício para deflagração e mobilização de afetos, tanto negativos quanto positivos entre ambos.

Nesse ponto, ainda persiste o impasse sobre como o enfermeiro pode manejar essa relação, sendo de costume encontrar posturas que oscilem entre manter envolvimento ou distanciamento afetivo, por não haver consenso científico do que seria padrão vantajoso para ambos sujeitos^{7,8}.

Ao optar por estabelecer relação de proximidade com os pacientes, envolvendo-se com os sentimentos destes, sob a premissa de “colocar-se no lugar do outro”, há o risco de o profissional vivenciar um desgaste emocional. Caso contrário, ao adotar postura evasiva e de distanciamento, pode interferir negativamente no bem-estar do paciente⁸.

Nas leituras suscitadas das teorias de Peplau e Travelbee, há constante defesa do relacionamento interpessoal enquanto experiência inerente à prática do enfermeiro. Logo, questionou-se: como os currículos de enfermagem atuais têm trabalhado os aspectos da relação interpessoal? Será que os cursos da área fornecem subsídios necessários para que os enfermeiros estejam preparados para lidar com o manejo do relacionamento com os pacientes?

Ao considerar a relevância da formação acadêmica na capacidade de engendrar mudanças no perfil e nas práticas de enfermeiros⁹, propôs-se investigar como o relacionamento interpessoal está sendo trabalhado nos currículos dos cursos de graduação em enfermagem das universidades do Ceará, Brasil. Ainda que sejam admitidas as limitações de serem retiradas conclusões a partir de documentos curriculares, ressalta-se o mérito dessas produções para o norteamento da prática pedagógica, pois nelas constam importantes ideias e elementos que refletem a condução da formação de profissionais.

Material e Método

Estudo de caráter descritivo, documental e bibliográfico, no qual se buscou acessar os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e os programas de disciplinas que abordem conteúdos relativos ao relacionamento interpessoal e terapêutico. Optou-se pela pesquisa bibliográfica, por permitir cobertura

mais ampla, acessível e possível do que se fosse pesquisar diretamente¹⁰, em cada uma das seis universidades com cursos de graduação em enfermagem do estado do Ceará. Entre as instituições, uma é de caráter privado, as demais são públicas. Buscou-se preservar o anonimato das instituições, designando cada uma aleatoriamente por letras do alfabeto.

O período da coleta dos dados foi o primeiro semestre do ano de 2019. A busca não se deu mais atualizada, pois se considerou buscar currículos de cursos não reformulados nos anos mais recentes que já tivessem formado profissionais para compor os espaços/serviços de saúde. Assim, seria possível vislumbrar a repercussão dos PPP na prática profissional atual em pesquisas posteriores.

Realizou-se a leitura integral dos documentos, em busca de termos correlatos ao tema pesquisado, utilizando-se de palavras-chave como: relação enfermeiro-paciente; relacionamento interpessoal; comunicação terapêutica; comunicação enfermeiro-paciente; autoconhecimento; emoções e afetos experimentados pelo cuidador.

A partir dos resultados encontrados, elaborou-se quadro de síntese das instituições. Neste, elencaram-se os principais critérios que nortearam a análise: as disciplinas que abordam o tema, a quantidade de conteúdos relacionados nas ementas, as cargas horárias, os semestres a que pertencem e as principais referências bibliográficas utilizadas.

Resultados

Quadro 1. Comparativo da presença do tema relacionamento interpessoal nos currículos dos cursos de enfermagem analisados.

Universidade	Carga horária total	Semestre	Disciplinas que tratam acerca do tema	Quantidade de conteúdos na ementa	Referencial teórico informado
A	4.199 h/a	1º	Psicologia aplicada à Saúde (51 h/a)	O sofrimento diante do adoecimento e da má notícia; Processos de comunicação; Assistência a pacientes terminais e morte.	Stefanelli MC, Fukuda IMK, Arantes EC. Enfermagem Psiquiátrica e suas Dimensões Assistenciais. São Paulo: Manole; 2008.
		4º	Enfermagem em Saúde Mental (119 h/a)	Sofrimento psíquico como fenômeno inerente à condição humana; Processo de enfermagem em saúde mental.	Videbeck SL. Enfermagem em saúde mental e psiquiatria. Tradução: Sales DR, Garcez RM. 5 ed. Porto Alegre: Artmed; 2012. Carvalho MB. Psiquiatria para a Enfermagem. 1. ed. São Paulo: Ed. Rideel; 2012. Marcolan JF, Castro RCBR. Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica: desafios e possibilidades no novo contexto do cuidar. Rio de Janeiro: Elsevier; 2013.
B	4.060 h/a	8º	Enfermagem em Saúde Mental (43 hs/a)	Sistematização da assistência de enfermagem em saúde mental.	Carvalho MB. Psiquiatria para enfermagem. São Paulo: Rideel; 2012. Townsend MC. Enfermagem psiquiátrica: conceitos de cuidados na prática baseada em evidências. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2017.
C	4.720 h/a	2º	Psicologia Aplicada à Saúde (64 h/a)	Comunicação humana; Base das relações humanas; Bases socioculturais do comportamento humano; Entrevista no manejo e comportamento do paciente.	Altschul A. A psicologia na enfermagem: admissão no hospital. Publicações Europa-América. Mira-Sintra.; 1969. p. 106-112; 113-122; 149-156; 291-303.
		6º	Enfermagem no processo de cuidar em Saúde Mental (128 h/a)	Comunicação e relacionamento terapêutico enfermeiro-cliente; Saúde mental do cuidador.	Stefanelli MC. Comunicação com o paciente: teoria e ensino. São Paulo, Robe Editorial; 1993. Studart GW, Laraia MT. Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática. 6. ed. Porto Alegre: Artmed Editora; 2001. Taylor CM. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica. De Mereness. 13. ed. Porto Alegre, Artes Médicas; 1992. Townsend MC. Enfermagem psiquiátrica – conceitos de cuidados. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara; 2002.
		8º	Enfermagem no Processo de Cuidar da Saúde Sexual e Reprodutiva (256 h/a)	Respostas emocionais a doença e ao adoecer.	Sem bibliografia específica.
D	4.645 h/a	3º	Psicologia aplicada à enfermagem (45 h/a)	Prática profissional, o comportamento do homem frente à saúde, doença e morte; Características psicológicas das diferentes fases da vida humana, em diversos aspectos: emocional, social, cognitivo, sexual e psicológico; Processos de comunicação; Relações interpessoais: enfermeiro, paciente e família.	Sem bibliografia específica.

		6º	Processo de Cuidar na Saúde mental (105 h/a)	Prática social do enfermeiro no campo da saúde mental, como área da saúde coletiva; Sistematização da Assistência de Enfermagem na saúde mental.	Lisboa MTL. (Revisora técnica). Enfermagem psiquiátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. Towsend MC. Enfermagem Psiquiátrica: conceitos de cuidados. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2002.
E	4.485 h/a	3º	Psicologia Aplicada à Saúde (60 h/a)	Discussão crítica dos conceitos teóricos básicos em Psicologia do Desenvolvimento e da contribuição que o conhecimento nessa área para o desenvolvimento das relações enfermeiro-paciente.	Sem bibliografia específica.
		6º	Enfermagem no Processo de Cuidar em Saúde Mental 120 h/a)	O crescimento e o desenvolvimento humano nos aspectos biopsicossociais.	Taylor CM. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica. 13. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992. Stuart WG, Laraia TM. Enfermagem psiquiátrica: princípios e prática. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed; 2002.
F	4.080 h/a	1º	Desenvolvimento Humano e Profissional I (60 h/a)	Comunicação afetiva e comunicação interpessoal.	Sem bibliografia específica.
		2º	Desenvolvimento Humano e Profissional II (60 h/a)	Técnicas de comunicação em entrevista familiar.	Townsend MC. Enfermagem Psiquiátrica: Conceitos de Cuidados. 3 ed. Guanabara Koogan; 2000.
		6º	Desenvolvimento Humano e Profissional III	Relações interpessoais.	Dugas BW. Enfermagem Prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. Townsend MC. Enfermagem Psiquiátrica: Conceitos de Cuidados. 3 ed. Guanabara Koogan; 2000.
		7º	A Pessoa com Transtorno Mental (120 h/a)	Discussão dos aspectos relacionados ao desenvolvimento da saúde mental de indivíduos e da coletividade, assim como, programas de promoção e prevenção que contribuam para tal, identificação, planejamento e avaliação de serviços de atenção à saúde mental.	Kyes JJ. Conceitos Básicos em Enfermagem Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana; 1985. Rocha RM. Enfermagem em Saúde Mental. Rio de Janeiro: SENAC; 1996.

O primeiro aspecto que mereceu atenção foi a presença incipiente dos conteúdos relativos à abordagem e ao manejo da relação enfermeiro-paciente nos currículos, posto que na maior das instituições, o tema esteve restrito a duas disciplinas, correspondendo àquelas que possuem teor mais específico ligado aos aspectos psíquicos: a psicologia aplicada e de saúde mental. Ainda assim, dentro dessas disciplinas, há poucos tópicos que abordam o relacionamento interpessoal (no máximo quatro), estimando-se equivalência média de 12 horas-aula em

cada. Essa estimativa corresponde a uma quantidade irrisória de tempo (menos de 1%, se considerar média entre 24-30 horas/aula por curso) dedicada para discussão da temática, diante da carga horária total dos cursos (em média 4.364 horas/aula).

Além disso, entre os tópicos destacados, nem todos expressaram claramente o conteúdo objeto deste estudo, diferente do que ocorreu nas Universidades C, D, E e F: “Comunicação e Relacionamento Terapêutico”, “Relações interpessoais: enfermeiro, paciente e família” e

“Desenvolvimento das relações enfermeiro-paciente”. Em algumas disciplinas, o tema esteve diretamente associado à Sistematização da Assistência e ao Processo de Enfermagem no campo da Saúde Mental, como nas instituições A, B e D.

Excetuando-se a Universidade C, as demais relacionam esse conteúdo a disciplinas relativas às bases humanas de psicologia aplicada ou saúde mental, motivando o entendimento de que nos currículos de enfermagem analisados, houve predomínio do tema relação enfermeiro-paciente ser abordado de forma mais pontual e limitado, associado à área da enfermagem psiquiátrica, especificamente.

Esse aspecto também se mostrou expresso na leitura dos Projetos Políticos Pedagógicos, quando se observou pouco presente a defesa da abordagem da relação enfermeiro-paciente enquanto atributo essencial da prática e presente, de modo transversal, no curso. Identificaram-se menções sobre o tema nas Universidades D, E e F, discriminado de forma mais minuciosa nas duas últimas.

Ponto positivo nos PPP das Universidades A, C e F foi a abordagem da comunicação no primeiro e segundo período dos respectivos cursos de enfermagem e em períodos mais avançados destes. Mas, é oportuno indagar sobre até que ponto as disciplinas apontadas e o tema comunicação tratam das questões afetivo-emocionais e da relação profissional-paciente em si; e se os pontos disciplinares exploram a relação enfermeiro-paciente-família, considerando os desdobramentos.

Os Projetos das Universidades B e E remeteram à diligência para possível escassez de contemplação da temática estudada, em virtude da apresentação de uma disciplina em cada que pode conter elementos

que abordem a questão: Sistematização da assistência de enfermagem (SAE) em saúde mental e Psicologia Aplicada à Saúde, respectivamente. Todavia, desconhecendo-se a dinâmica concreta em sala de aula/campo de prática destes componentes curriculares, não é possível afirmar que a relação paciente-enfermeiro se faz discutida na pauta de cada uma delas.

Discussão

A reformulação dos currículos orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCNE), criadas sob a Resolução nº 03 de 7/11/2001, destaca a comunicação como uma das competências requeridas para o exercício da profissão. O documento destaca a comunicação verbal, não verbal e habilidades de escrita e leitura, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e tecnologias de comunicação e informação¹¹.

No Resolução, a visão sobre o processo comunicativo é pouco aprofundada e colocada de forma generalizada, o que abre margem para diferentes interpretações. A carência de clareza sobre as concepções presentes nas DCNE ou de como as proposições seriam operacionalizadas são aspectos considerados problemáticos para implementação de mudanças no ensino, pois ficou a critério de cada instituição decidir como adotá-las, conforme o interesse¹².

É corrente encontrar estudos que tecem críticas de como a formação em enfermagem aborda de forma pontual o relacionamento terapêutico, usualmente estando presente em apenas uma disciplina, tornando-se, assim, insuficiente para preparar o profissional para o encontro com o

paciente¹³⁻¹⁴. Logo, observa-se a vivência de dificuldades por parte de alunos, a partir do momento em que se inserem no campo da saúde mental, especialmente porque nele há o rompimento com a perspectiva de ser realizado cuidado sistematizado e com previsibilidade dos resultados¹⁴.

Entende-se que o contexto dessa tensão se enraíza, ainda, no processo histórico de expansão do ensino de enfermagem no país, pois desde o surgimento da primeira escola de enfermagem no Brasil, em 1923, percebe-se foco fortemente centrado no âmbito hospitalar e do modelo biomédico curativo individual¹⁵. Apesar dos questionamentos despertados a partir da abertura política dos anos 1970 e 1980, em que se tentava rediscutir o perfil do enfermeiro para além da dimensão técnica, observa-se, ainda, a persistente ênfase em uma formação biológica e tecnicista.

Logo, sustenta-se a hipótese de que a ênfase na cientificidade e no modelo biomédico ocorre pela exclusão das demais formas de conhecimento, de modo a obliterar o que é da ordem do sujeito e da subjetividade do doente e do cuidador, o que engendra a produção de um resto¹⁶.

Fato cabal é a presença veemente das disciplinas sobre Sistematização da Assistência de Enfermagem e Processo de Enfermagem nos currículos da área, na tentativa de organizar técnica, gerencial, científica e teoricamente o cuidado, objeto dessa categoria de profissionais. Contudo, a presença desses componentes não são garantias de que a comunicação e a relação interpessoal serão amplamente trabalhadas, seja na seara formativa, seja na seara assistencial-laboral.

Resta, pois, averiguar se os conteúdos dessas

disciplinas ultrapassam o protocolo sobre como realizar perguntas na coleta de dados; como se relacionar com a equipe multiprofissional; como realizar a comunicação para fins de uma assistência pragmática efetiva, eficaz e eficiente do ponto de vista procedimental e da segurança do paciente.

Ademais, apesar de ocorrer maior luta pela superação do movimento de especialização na enfermagem, na busca de serem integrados os saberes teóricos e as práticas sociais, é um processo que se encontra, ainda, em transição e, por vezes, posto de forma descontínua e ambivalente¹⁷.

Outro aspecto que se destacou na análise das disciplinas que tinham conteúdos correlatos a relação enfermeiro-paciente foi a literatura básica adotada nos programas. Dentre as referências identificadas que abordam o tema, houve prevalência de autores estadunidenses, como Townsend, Sturdart e Laraia, Videbeck e Taylor, e alguns poucos autores nacionais, como Marcolan e Castro, Carvalho e Stefanelli. Além disso, sobrepujam entre essa literatura os livros em formatos de compêndios que tratam diversidade de temas de maneira resumida.

O conteúdo abordado por esses autores se apoia prevalentemente nas teorias de Peplau e Travelbee, e de outro, aquelas que tem como foco o processo de enfermagem em saúde mental como suporte para condução da relação interpessoal. Como a dimensão afetiva, aquilo que é da subjetividade, vai aparecer nesses dois fundamentos?

No entanto, as ferramentas pelas quais o enfermeiro alcançaria essas habilidades se mostraram praticamente ausentes ou surgiram de forma incipiente na análise dos currículos. No que diz respeito à aplicação do processo de enfermagem,

esteve voltada para o adoecimento, na queixa orgânica e no diagnóstico médico, o que impede a escuta da existência-sofrimento do outro¹⁸. No que tange aos trabalhos das respectivas teóricas, a proposta requer preparo prévio do enfermeiro (desenvolvimento do autoconhecimento e controle do Eu).

Visto que não há menção ou subsídios para que se forneça esse preparo durante a formação, tributam-se questões: como os profissionais lidam com a relação com paciente se não há devido preparo? Se não há um outro referencial ou espaço para serem abordados esses temas que os ajude a dar respaldo na prática? Como eles lidam com afetos, sentimentos e emoções despertados no encontro com o outro a ser cuidado?

Assim, é possível identificar na literatura da enfermagem trabalhos que identifique as dificuldades vivenciadas por enfermeiros no manejo do relacionamento interpessoal com o paciente, havendo estudos que indicam a razão desse despreparo ligada especialmente à escassez de aporte teórico suficiente, de conteúdos que suscitam a subjetividade do ser humano durante a formação do enfermeiro^{3,19-20}.

Assim, reitera-se a árdua tarefa de formação do profissional de enfermagem que exige habilidades para serem aplicadas em campo clínico e em tempo real, ambiente complexo e que contempla necessariamente o relacionamento com o paciente, acadêmico, enfermeiro e equipe de saúde²¹.

Conclusão

A análise dos currículos motivou o entendimento de que a discussão do relacionamento interpessoal do enfermeiro, assim como o trabalho da dimensão da subjetividade da profissão de cuidador, mostrou-se

praticamente ausente ou de forma incipiente.

Essa ausência corresponde ao que resiste à objetificação e racionalização do que vem a deflagrar como mal-estar inerente ao processo civilizatório. Logo, ao não ter um lugar, essa inexistência causa outros obstáculos e dificuldades aos profissionais de saúde. Assim, não há como ser pensada a prática do cuidado sem considerar o encontro entre profissional e paciente, um espaço mobilizador de subjetividades e afetos.

A despeito da abordagem introdutória sobre comunicação, discussões profundas sobre as relações interpessoais devem transversalizar a grade de cursos, de modo a direcionar alunos para campo de prática com este quesito ou executar extensão desde os anos iniciais na academia, como é o caso da enfermagem.

Considera-se, por fim, que se trata de estudo que deve, muito mais que trazer respostas findas, estimular questionamentos que remetam a outras pesquisas em outros lócus acadêmicos, uma vez que o conhecimento não se esgota neste escrito, cujas pretensões são expandir os estudos sobre o tema em pauta.

Referências

1. Pinheiro CW, Rolim KMC, Magalhães FJ, Albuquerque FHS, Araújo MAM, Fernandes HIVM. Current panorama of the theory of travelbee: an integrative review. *Int J Dev Res*. 2019; 9(6):28421-5.
2. Pinho LB, Santos SMAs. O relacionamento interpessoal como instrumento de cuidado no hospital geral. *Cogitare Enferm*. 2007; 12(3):377-85.
3. Vilela SC, Carvalho AMP, Pedrão LJ. Interpersonal relationship as a form of nursing care in family health strategies. *UERJ Nurs J*. 2014; 22(1):96-102.
4. Travelbee J. Intervención en enfermería

- psiquiátrica. Carvejal: Cali. 1979.
5. Howk C, Hildegard E, Peplau: Enfermagem Psicodinâmica. In: Tomey AM, Alligod MR. Teóricas de Enfermagem e a sua Obra (Modelos e Teorias de Enfermagem), Loures: Lusociência. 2004; 423-35.
 6. Bastos RA, Quintana AM, Carnevale F. Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo. *Temas Psicol.* 2018; 26(2):795-805.
 7. Menegócio AM, Rodrigues L, Teixeira GL. Enfermagem Oncologia: Relação de Afetividade ou Meramente Técnica? *Ensaio Ciênc: Ciênc Biol, Agrárias Saúde.* 2015; 19(3):118-23.
 8. Paula D. Relação Terapêutica e Emoções: Envolvimento versus Distanciamento Emocional dos Enfermeiros. *Pensar Enferm.* 2017; 21:20-30.
 9. Vieira NA, Silveira LC, Miranda KCL, Franco TB. Nursing education as an inductor resource for changes in health care. *REE.* 2011; 13(4):758-63.
 10. Zanella LCH. Metodologia de pesquisa. 2. ed. reimp. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC. 2013.
 11. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n.3, de 3 novembro de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde. 2001.
 12. Tonhom SFR, Costa MCG, Hamamoto CG, Francisco AM, Moreira HM, Gomes R. Competency-based training in nursing: limits and possibilities. *Rev Esc Enferm USP.* 2014; 48(spe2):213-20.
 13. Kantorski LP, Pinho LBD, Saeki T, Souza MCBDM. Relacionamento terapêutico e ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental: tendências no Estado de São Paulo. *Rev Esc Enferm USP.* 2005; 39(3):317-24.
 14. Fraga MNO, Damasceno RN, Calixto MLG. Ensino de relacionamento terapêutico em enfermagem psiquiátrica dificuldades e perspectivas. *Rev Bras Enferm.* 1986; 39(2-3):94-102.
 15. Rizzoto MLF. História da Enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: Editora AB. 1999.
 16. Marcon HH. O (sem) lugar do sujeito nas práticas de saúde. In: Kamers M, Marcom HH, Moretto MLT. Desafios atuais das práticas em hospitais e nas instituições de saúde. São Paulo: Escuta. 2016; 25-45.
 17. Renovato RD, Bagnato MHS, Missio L, Bassinello GAH. As identidades dos enfermeiros em cenários de mudanças curriculares no ensino da enfermagem. *Trab Educ Saúde.* 2009; 7(2):231-48.
 18. Lima DWC, Vieira NA, Silveira LC. Therapeutic listening in clinical mental health care nursing. *Texto Contexto Enferm.* 2015; 24(1):154-60.
 19. Bruinsma JL, Beuter M, Leite MT, Hildebrandt LM, Venturini L, Nishijima RB. Conflitos entre idosas institucionalizadas: dificuldades vivenciadas pelos profissionais de enfermagem. *Esc Anna Nery.* 2017; 21(1):e20170020.
 20. Pires LC, Vargas M, Vieira R, Ramos F, Ferrazzo S, Bitenco JVOV. Relação entre equipe de enfermagem e família de pessoas em cuidados paliativos. *Enferm Foco.* 2013; 4(1):54-7.
 21. Silva MVRS, Carvalho Filha FSS, Nascimento FSC, Branco TB, Lima NDP et al. A dicotomia entre teoria e prática na formação do enfermeiro docente. *Rev Recien.* 2018; 8(22):93-102.